

Procura-se protagonismo e representação: a percepção de estudantes sobre os movimentos sociais no Brasil¹

Protagonism and Representation Wanted: student perception about social movements in Brazil

MAURICIO DE OLIVEIRA SILVA
Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, UNIVASF
m.osilva@hotmail.com

THOMAS LEONARDO MARQUES DE CASTRO LEAL
Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente, UESC
thomasmdcl@gmail.com

TIAGO FERRAZ COSTA
Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, UNIVASF
tiagocosta_vca@hotmail.com

MARCOS ANJOS DE MOURA
Mestre em Ciências Ambientais, UESB
marcosmoura89@hotmail.com

RESUMO

O protagonismo juvenil pode ser entendido como a participação de adolescentes no enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social. Uma das principais formas que esse protagonismo vem se concretizando é através de movimentos estudantis e sociais. O objetivo deste trabalho foi identificar as percepções e opiniões de jovens do Ensino Técnico profissional em uma Escola de Vitória da Conquista - BA sobre o protagonismo juvenil e movimentos sociais em suas vidas. Foi realizada uma pesquisa de levantamento e uma análise descritiva e hermenêutica dos dados guiados por dois questionários estruturados para 26 alunos. Os alunos demonstraram conhecimento limitado do tema, porém, acreditam em mudanças realizadas por jovens na sociedade. Assim, o processo de protagonismo juvenil destes alunos precisa ser intensificado, pois eles são agentes da transformação e da politização, além disso, há necessidade de aulas que discutam mais o assunto dentro de sala.

Palavras-chave: movimento social; protagonismo juvenil; representação.

ABSTRACT

¹ Recebido em 18/12/2024. Aprovado em 22/03/2025.



Youth protagonism can be understood as the participation of adolescents in facing real situations at school, in the community, and in social life. One of the main ways in which this protagonism has come to fruition is through student and social movements. The objective of this article was to identify the perceptions and opinions of young people from professional Technical Education in a school in Vitória da Conquista - BA about youth protagonism and social movements in their lives. A survey and a descriptive and hermeneutic analysis of the data guided by two structured questionnaires were carried out for 26 students. Students showed limited knowledge of the subject, however, they believe in changes made by young people in society. Thus, the process of youth protagonism of these students needs to be intensified, as they are agents of transformation and politicization, in addition, there is a need for classes that discuss the subject more within the classroom.

Keywords: Social movement; protagonism; representation.

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico que contam com a participação de diversos atores, cidadãos, que podem pertencer a diferentes classes, mas que possuem formação social através da luta, com objetivo de conquistar determinados direitos que muitas vezes estão incluídos em políticas públicas (Maia; Mendonça, 2008; Gohn, 2000), esses movimentos sociais possuem como característica demonstrações de lutas sociais de grupos organizados por um objetivo comum (Montaño; Duriguetto, 2010).

Dentre os movimentos sociais mais expressivos, pode-se observar o destaque do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), movimento feminista, o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (transexuais e travestis), queer, intersexo, assexuais e mais (LGBTQIA+), o movimento indígena, o movimento negro e o movimento estudantil (Alberti; Pereira, 2006; Gohn, 2013). O próprio movimento estudantil, que entra e sai da cena pública constantemente, tem tido um papel importante em pautas importantes, como antiviolença e no campo político (Gohn, 2013).

Este tipo de organização social foi fundamental para a conquista da educação como direito social consolidado pela Constituição Federal de 1988 (Costa; Albuquerque, 2016). Segundo Oliveira-Martins (1992) a escola, <agente de mudança e fator de desenvolvimento> (...) tem que se assumir basicamente não só como um potenciador de recursos, mas também como um lugar de abertura e de solidariedade, de justiça e de responsabilização mútua, de tolerância e respeito, de sabedoria e de conhecimento.

Nessa leitura, a escola é onde se discute as diversas ideologias e, apesar de ser um aparelho ideológico do estado (Althusser, 1970), ela é uma das principais peças na luta pelos direitos dos jovens e, conseqüentemente, de toda a sociedade. É na dimensão educacional que

as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2017) estabelecem como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Apesar de ainda se apresentar como uma das possibilidades de inserção e atuação política para uma parcela dos estudantes, o movimento estudantil foi por muito tempo o único termômetro de protagonismo juvenil (Mesquita, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aborda como objetivo da escola, no ensino fundamental e ensino médio auxiliar na cooperação dos alunos através do protagonismo juvenil, ou seja, dando suporte para promoção e escolha do seu projeto de vida, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a aprender, atuando como personagem principal nas escolhas de vida (Brasil, 2017). A BNCC busca reformular as diretrizes para o ensino, almejando um currículo mais flexível, focado no estudante que tem liberdade para escolher, segundo seus preceitos, habilidades e vocações. Assim, o protagonismo juvenil no Brasil é indicado como solução/antídoto para melhorar a educação no Brasil (Costa, 2000).

Contudo, Costa (2001) define protagonismo juvenil como a participação de adolescentes no enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla cujo foco é a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais. Já Rabêllo (2015), define como a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva, envolvendo-se com as questões da própria adolescência/juventude, assim como, com as questões sociais do mundo, da comunidade. Ambas as definições trazem o protagonismo para além da questão estudantil.

Para Ferreti, Zibas e Tartuce (2004), os adolescentes e jovens de hoje experienciam situações que se lhes apresentam como inteiramente novas, a partir de suas próprias histórias particulares, como desemprego de pais, violência, insegurança alimentar entre tantos outros fatores, nesse contexto, como o jovem protagoniza lutas dentro dessas realidades? Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar as percepções e opiniões de jovens do Ensino Técnico profissional em uma Escola de Vitória da Conquista - BA sobre o protagonismo juvenil e movimentos sociais em suas vidas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a execução desse trabalho foi realizada uma pesquisa de levantamento e uma análise descritiva e hermenêutica dos dados. Fonseca (2002) aponta que esse a pesquisa de levantamento é utilizada em estudos exploratórios e descritivos e que o levantamento pode ser de dois tipos: de uma amostra ou levantamento de uma população (também designado censo).

Já os estudos descritivos são os que mais se adequam aos levantamentos desse tipo, como os estudos de opiniões e atitudes (Gil, 2007, p. 52).

Participaram dessa pesquisa 26 alunos do 4º ano do curso Técnico em Segurança do Trabalho do turno matutino do Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Adélia Teixeira (CEEPS-AT). A aplicação desse questionário foi realizada, considerando a realidade da sala de aula dessa classe do Ensino Médio profissionalizante de uma escola da rede pública estadual, de Vitória da Conquista – Bahia, com estudantes dos mais variados bairros da cidade.

Os questionários foram aplicados no mês de junho do ano de 2016 em um único dia, com duração de meia hora e constituídos de 10 questões abertas (Quadro 1), que tratavam do protagonismo juvenil e dos movimentos sociais.

Quadro 1. Questionário aplicado durante a pesquisa.

1. Sexo: () Feminino () Masculino () Intersexual
2. Quais atividades você exerce?
3. O que gosta de fazer nas horas vagas?
4. Participa de algum movimento social?
5. Você acredita que o jovem pode mudar a sociedade por meio do protagonismo?
6. Você já participou de alguma manifestação de algum movimento social?
7. O que você entende por protagonismo juvenil?
8. O que você acha dos movimentos sociais (sem-terra, LGBTQIA+, feministas, negros etc.)?
9. Você acha que o atual governo te representa?
10. O que deveria ser feito para mudar esse cenário político?

Fonte: Autores, 2024.

Vale ressaltar que os questionários foram elaborados de acordo com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que asseguram que a pesquisa atenda às regulamentações e diretrizes para preservar os participantes. Assim, foram resguardados os nomes dos participantes e sua participação foi voluntária, podendo desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Na análise descritiva utilizou-se a nuvens de palavras, que são recursos gráficos que representam frequências de termos em hipertextos, imagens compostas de palavras utilizadas em um texto nas quais o tamanho de cada palavra indica sua frequência ou importância (Vasconcelos-Silva; Araújo-Jorge, 2019). Na análise de textos em pesquisas qualitativas, essa metodologia acrescenta clareza e transparência na comunicação de ideias, revelando padrões interessantes a análises posteriores (Surveygizmo, 2017; apud Vasconcelos; Silva; Araújo; Jorge, 2019).

Na construção dos resultados, utilizou-se o método hermenêutico, cujo intuito é e interpretar e levar em consideração o que os sujeitos estudados externam através dos

questionários aplicados. Com isto, Oliveira (2019) considera que a hermenêutica é uma forma de elucidar por intermédio da pesquisa-formação-ação e do processo de escrita e reescrita das experiências e vivências. Do ponto de vista da hermenêutica, apresenta-se uma dialética levando em consideração a história dos sujeitos participantes. Assim,

trata-se de instaurar um diálogo com a tradição do outro em que se leve a sério as pretensões de verdade desta tradição – não no sentido de descrevê-la em seus próprios termos e de supor possível anular-se para produzir tal descrição – mas no sentido de endereçá-la a partir do nosso horizonte, de questioná-la e deixar que ela provoque nossos próprios preconceitos (Alves, Rabelo; Souza, 2014, p. 195).

Com isso, Delory-Momberger (2008) considera que a narrativa autobiográfica instala uma hermenêutica da história de vida que é um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo. Para isto, é possível compreender que a hermenêutica leva em consideração a trajetória do ser, pois concebe os fatos que se moldam o ser humano enquanto sujeito.

Sobre a análise das trajetórias e das contribuições que os entrevistados prestam para a pesquisa, Oliveira (2019) considera que os mundos que o texto apresenta nos permitem a prática hermenêutica via interpretações que incluem o alcance das experiências que compõem cada sujeito. Então, para a interpretação de dados o pesquisador se ver em um mundo, pois as respostas nos questionários se mostram autônomas e singulares, fazendo com que o pesquisador tenha interpretações e análises distintas com cada entrevistado, observando as diversas narrativas que estão camufladas dentro dos questionários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são divididos em duas etapas para sua melhor discussão. Inicialmente, discute-se sobre o que os estudantes pensam sobre os movimentos sociais, em seguida, sobre o protagonismo juvenil.

O perfil dos participantes da pesquisa, era de 50% dos participantes representantes de cada sexo, sendo então 13 alunos de cada grupo; a faixa etária é de 17 à 21 anos; 38% trabalham e estudam, 62% afirmaram não trabalhar, mostrando assim, teoricamente, terem disponibilidade para se dedicar aos estudos. Quando perguntados sobre o que gostam de fazer nas horas vagas, as respostas foram bem variadas, sendo que 42% costuma assistir filmes, animes, jogar videogame ou outras atividades envolvendo televisão e internet, 31% usam estas horas vagas para dormir, 23% praticam algum esporte (joga futebol, academia, andar de bicicleta), 23%

gostam de passear e conversar com amigos, 19% leem, 15% estudam nas horas vagas, 4% fazem outras atividades como cuidar dos sobrinhos, fotografar e acompanhar o cinema *underground*.

3.1 O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS?

Sabe-se que os movimentos sociais surgem de pessoas que se unem para lutar por um ou mais objetivos em comum. Tomio e Facci (2009) afirmam que é na adolescência que se instaura a crise existencial marcada por uma grande instabilidade afetiva, labilidade emocional entre tantas outras angústias e ansiedades. E são justamente estes sentimentos que muitas vezes são motivadores. Castells (2013) ressalta a importância de emoções como raiva, entusiasmo e medo, relacionadas respectivamente a busca por justiça, engajamento e superação, através dos movimentos sociais.

De acordo com os dados coletados, 27% dos alunos disseram participar de movimentos sociais, entre eles: voluntariado em obras de caridade, participação em Organizações Não Governamentais - ONGs e pastorais (ligados à Igreja Católica) e participação de reivindicações para assuntos da sua comunidade.

Quando perguntados se participavam de alguma manifestação cultural ou artística, apenas 16% responderam que sim. Referente à participação em projetos de transformação na escola onde estudam, 35% afirmaram já ter participado. Porém, apenas 8% afirmaram já ter participado de algum projeto de transformação em seu bairro. É possível perceber que muitos desses estão ligados aos seus interesses/conflitos.

Ao serem perguntados sobre o que acham das manifestações dos grupos feministas, trabalhadores, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexo, assexual e outras definições de sexualidade (LGBTQIA+), movimentos dos sem-terra entre outros nas ruas e se são a favor ou contra, destes, 58% foram a favor das manifestações, 15% foram contra e 27% foram parcialmente a favor. A maioria concordava que todos devam lutar pelos seus direitos dentro da sociedade onde vive, lutando contra preconceitos, discriminações e desigualdades sociais com liberdade de expressão. Segundo Melucci (1997), enquanto nós aplicamos e executamos o que um poder anônimo decretou, os jovens perguntam para onde estamos indo e por quê. Nisso, aparece a aceitação da maioria com a manifestação dos movimentos sociais por parte dos questionados, mas a negação de participar de algum movimento por falta de conhecer os reais objetivos de tais ou de se identificar com a luta (o para onde e o porquê).

Dentro das opiniões que se posicionaram contra, afirmavam que é “desnecessário, porque as feministas e LGBTQIA+ são escrotos²” ou “não dá em nada e sempre acaba em confusão”, e que, segundo eles, nenhuma manifestação se torna pacífica, o que ocorre é que sempre que tais grupos se manifestam existe baderna.

Dos 27% que foram parcialmente a favor, afirmavam apoiar apenas os trabalhadores e o MST porque, de acordo com eles, os outros perdem o foco e só querem causar controvérsia. Alguns afirmaram não concordar ou discordar, porém respeitavam, e afirmavam: “tirando os trabalhadores e o MST acho muito desnecessário [os movimentos sociais], pois nem todos ligam para isso. Se a pessoa quer ser gay ou qualquer outra coisa, “foda-se”. Mas esse lance de querer chamar atenção para ficar fazendo 'mimimi'³ acho extremamente desnecessário”.

Porém, nota-se que dentro desses discursos estão lugares de fala, de acordo com a classe dominante brasileira, hétero, cristã, cis e branca. Mas vale lembrar que, o sujeito ao ser dominado e não se perceber dentro de uma identidade cultural ou representado por um grupo pode sentir que uma luta que seria dela não a representa e não é válida. Quando, por exemplo,

“O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas o fato dessa pessoa dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidades e direitos (Ribeiro, 2017, p. 37).

Ao ampliar essa discussão, mesmo se algum dos entrevistados se encontre dentro da representação de um desses movimentos sociais, ele não saberá ou não se posicionará a favor devido ser uma vítima da violência simbólica perpetuada pela classe social dominante, sendo a violência simbólica “uma violência dissimulada, essa dissimulação lhe confere poderes particulares e uma eficácia específica, mas no fundo é irredutivelmente violência.” (ENCREVÉ; LANGRAVE, 2005, p. 5). Desse modo, a violência simbólica não é uma agressão física, mas uma forma de coerção, utilizada pela classe dominante que considera importante um fragmento de cultura dentre as existentes.

Do mesmo modo, o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras

²No sentido pejorativo, a palavra carrega uma leitura que as pessoas que são destes movimentos são desonestas, mau-caráter, sem-moral, são consideradas pessoas feias e sem atrativos físicos nem intelectuais.

³O termo mimimi é utilizado para desqualificar a dor do outro, também busca negligenciar bandeiras legítimas. Há explicações que apontam que mimimi é a dor que não dói em mim, a falta de empatia, ou que mimimi é uma forma de silenciar lugares de fala e considerar lutas legítimas como vitimismo, frescura e ou tema irrelevante a ser discutido.

perspectivas.” (RIBEIRO, 2017, p. 39). Assim, os lugares de fala contemplam a todos, porém, a classe dominante é ouvida enquanto as minorias são silenciadas. E nesse jogo de manutenção social

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder (RIBEIRO, 2017, p. 44).

E imprescindível romper a representação de um grupo por uma pessoa, quando por exemplo, o único negro da sala de aula representa todo o movimento negro, sem ter consciência ou formação necessária para isso, ou quando um homem adolescente gay tem que explicar para as outras pessoas tudo sobre a sua condição sexual. Como Ribeiro (2017, p.46) aponta que

um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos.

E nesse contexto, os estudantes mantêm um reconhecimento das lutas realizadas pelos movimentos sociais, mas com ressalvas do que foge ao que é normal/hegemônico, ou seja, consideram luta de trabalhadores como justa, pois, relaciona-se ao padrão de uma pessoa séria que trabalha honestamente dentro do modelo capitalista, mas desconsidera, por exemplo, a luta pelo direito de expressar sua sexualidade, tida como um tema menos importante ou que foge a normalidade/hegemonia.

3.2 O QUE OS ESTUDANTES PENSAVAM SOBRE O PROTAGONISMO JUVENIL?

Dos 26 questionados, apenas duas disseram não acreditar que a participação do jovem pode mudar a sociedade, sendo que uma não justificou a resposta e outra afirmou “porque é uma causa sem fim”. Dos que afirmavam que acreditavam, as justificativas foram as mais variadas, sendo elas (Tabela I, Figura 1).

Tabela I – Você acredita que o jovem pode mudar a sociedade por meio do protagonismo?

Aluno	Acredita na mudança	Por quê?
A1	NÃO	Não opinou
A2	NÃO	“Porque é uma causa sem fim.”
A3	SIM	A juventude de hoje é o futuro da nação. Nós, jovens, devemos intervir na sociedade e tentar mudar o que for preciso.’
A4	SIM	‘Pode, basta eles terem novas ideias, incentivar, e a sociedade acreditar que pode dar certo.’
A5	SIM	‘Novas ideias, pensamentos, podem trazer melhorias, a longo prazo.’
A6	SIM	‘Porque hoje em dia a sociedade tem mais voz do que imagina e quanto mais voz, mais pessoas, maior será o impacto sobre as pessoas que acreditam que não vale a pena ou que não mudará nada.’
A7	SIM	‘Sim, porque o jovem faz parte da sociedade como pessoa, nós seremos o futuro.’
A8	SIM	‘Sim, porque é bom para a sociedade ter jovens envolvidos que exponham suas ideias.’
A9	SIM	‘Porque os jovens são o futuro do país.’
A10	SIM	‘Somos uma grande maioria na sociedade, nossa voz sempre é ouvida quando lutamos por um direito em lugares públicos.’
A11	SIM	‘Se for realizada de forma organizada, as mobilizações podem fazer muita diferença na sociedade.’
A12	SIM	‘O jovem, na maioria das vezes, tem boas ideias de melhoramento da sociedade.’
A13	SIM	‘Pois cada um de nós se unindo para fazer algo pode solucionar algum problema, pois nós jovens somos maioria.’
A14	SIM	‘Apesar de difícil, o jovem é o único que pode promover mudanças numa sociedade, por não se prender a paradigmas e crenças que excluem pessoas na sociedade.’
A15	SIM	‘Pois todos que querem melhorar a sociedade se mobilizam e reivindicam algo, principalmente o jovem.’
A16	SIM	‘Os jovens são uma grande parte da sociedade e são o futuro, então pode mudar sim.’
A17	SIM	‘O jovem é o futuro de uma nação e com sua ajuda em manifestações sociais as chances de sucesso aumentam, e sim, com eles pode haver mudança. Com certeza haverá.’
A18	SIM	‘Porque os jovens são o futuro da sociedade.’
A19	SIM	‘Qualquer pessoa pode mudar a sociedade, seja ela jovem ou idosa, com atos bons ou ruins.’
A20	SIM	‘Porque a juventude vem com uma nova forma de pensamento, o que contribui para um desenvolvimento.’
A21	SIM	‘Porque os jovens têm um jeito de pensar diferente e com isso pode ajudar a melhorar o nosso mundo em diferentes formas de transformação.’
A22	SIM	‘Pelo seguinte fato de sermos novos e ágeis para garantir um futuro melhor.’
A23	SIM	‘O jovem detém algo primordial para realizar mudanças que é o tempo livre de sobra.’
A24	SIM	‘O jovem é o futuro da sociedade.’
A25	SIM	Não opinou
A26	SIM	Não opinou

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Ao analisar estas respostas, uma coisa é perceptível, o jovem nunca é o presente da nação e sim o futuro, que futuro é esse? Existem duas marcas na juventude. De um lado, temos a exaltação da condição juvenil: todos querem estar, parecer, sentir-se e consumir como se fossem eternamente jovens e, neste caso, a juventude não é mais somente uma condição biológica (Melucci, 1997). Por outro lado, os jovens são com frequência percebidos como problema, principalmente quando pobres (Pereira, 2015). O ditado popular ‘cabeça vazia, oficina do diabo’, refere-se muito mais ao jovem pobre, pois o rico não tem “problemas”, apenas um comportamento temporário, um psicólogo resolve.

Há uma dualidade nesta questão: enquanto jovens ricos que não trabalham são vistos com prestígio, demonstrando vida feliz e de sucesso; já para a camada pobre da sociedade a tentativa de usufruir o tempo livre ou de expressar-se de modo mais espetacular pode ser condenada e estigmatizada (Pereira, 2015), ou seja, filho de pobre trabalha, o filho de rico “curte” sua juventude. Bauman (2008, p. 76) aborda uma discussão sobre a sociedade de consumismo, na qual o ter é mais importante do que o ser. “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”. Parece exagero dizer isso, porém ao visualizarmos a tentativa de instalar a maioridade penal aos 16 anos no Brasil escancaramos como o jovem pobre, preto e favelado é visto como um problema para a sociedade.

Nesse contexto, a partir das respostas elaborou-se uma nuvem de palavras para verificar os termos mais recorrentes apresentados pelos entrevistados. Observa-se uma forte ligação entre as palavras sociedade, jovem/jovens, futuro, ideia e pessoas, o que retoma a informação de futuro da nação, reafirmando a questão de serem sempre o futuro e terem sua voz no tempo presente não ouvida e por muitas vezes, silenciadas.

Figura 1. Nuvem de palavras para a partir da questão “você acredita que o jovem pode mudar a sociedade por meio do protagonismo?”



No questionamento sobre o que entendiam sobre protagonismo juvenil opinaram (Tabela II, Figura 2).

Tabela II – Opiniões sobre o que os alunos acreditam ser Protagonismo Juvenil.

A1	<i>'A participação do jovem na transformação da sociedade, para melhoria de todos'.</i>
A2	<i>'Entendo que a representatividade do jovem na sociedade cresce cada vez mais, através das ideias'.</i>
A3	<i>'Entendo que os jovens mais unidos podem fazer a diferença em nossa sociedade'.</i>
A4	<i>'O protagonismo juvenil pode ser entendido como a política sendo regida por jovens'.</i>
A5	<i>'Se cada um sempre procurar melhorar o futuro da nossa sociedade, sempre tende a melhorar'.</i>
A6	<i>'Que o protagonismo juvenil é ter os jovens como uma força, que juntos podem transformar'.</i>
A7	<i>'Acho importante pois estimula o jovem a ter suas vontades e responsabilidades desde cedo'.</i>
A8	<i>'Os jovens estão cada vez mais visíveis na sociedade buscando os seus direitos'.</i>
A9	<i>'É algo raro, já que a moda do século é pensar em si mesmo, para o protagonismo juvenil se expandir e ganhar importância teremos que entender que somos os que somos porque somos todos nós. Tentando se unir para lutar contra as injustiças da vida'.</i>
A10	<i>'Entendo que é essencial o protagonismo para que seja feito nossos direitos'.</i>
A11	<i>'Ações dos jovens em projetos sociais, para melhoria da sociedade'.</i>
A12	<i>'Entendo como uma forma de lutar para a melhoria dos problemas e questões sociais'.</i>
A13	<i>'Protagonismo é a participação do jovem na sociedade'.</i>
A14	<i>'Entendo pelos projetos culturais que a cada dia crescem na sociedade com os seus ideais'.</i>
A15	<i>'Entendo que os jovens tentam levar cultura, educação a sociedade'.</i>
A16	<i>'Entendo que é uma forma dos jovens protagonizar os direitos'.</i>
A17	<i>'A participação da juventude no mundo'.</i>
A18	<i>'Jovens que tentam fazer a revolução'.</i>
A19	<i>'Sua importância é notável, pois ideias e representações de uma geração nova é necessária e revolucionário. Infelizmente não temos respostas positivas sobre suas ações'.</i>
A20	<i>'Entendo que é de suma importância porque ajuda a manter a sociedade organizada e assegura um futuro melhor'.</i>
A21	<i>'É o jovem ter a atitude para mudar o local em que vive'.</i>
A22	<i>'É relacionado a participação dos jovens nos assuntos sociais'.</i>
A23	<i>'Representação dos jovens na sociedade'.</i>
A24	<i>'Participação do jovem em projetos de transformação na sociedade'.</i>

A25	Não soube opinar.
A26	Não soube opinar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Figura 2 - Opiniões sobre o que os alunos acreditam ser protagonistas juvenis



Desta pergunta percebe-se, mesmo que de uma forma simplista, entendiam que o protagonismo juvenil está ligado às atitudes e movimentos que o jovem promove na sociedade, consideravam importante esta atitude e achavam que a transformação social ocorre a partir destas manifestações.

As palavras sociedade, jovem/jovens, entendo, participação, protagonismo, importância e sociais aparecem com mais evidência nas opiniões, o que revela um entendimento sobre a necessidade e a importância do protagonismo juvenil na sociedade.

Zibas, Ferreti e Tartuce (2006) já apontavam em outras escolas estudadas que o protagonismo juvenil, tinha pouca penetração, explicado, em parte, pelo desconhecimento que os profissionais entrevistados demonstraram a respeito das diretrizes oficiais. Os autores, por outro lado, afirmam que

Parece válido, à luz do exposto, levantar a hipótese de que a superficialidade com que o tema foi tratado nas escolas deve-se, também, à ausência ou, pelo menos, à compreensão apenas parcial do significado do termo, no mais das vezes confundido com participação formal ou com ativismo, sem desafio intelectual mais efetivo e/ou sem possibilidade de compromisso com a ação coletiva (Zibas; Ferreti; Tartuce, 2006).

Sobre a política brasileira em 2016, foram perguntados se acreditavam nas mudanças que os jovens podiam promover, se o modelo político atual os representava e o que sugeriam aos nossos governantes. Sobre essa questão 92% afirmavam acreditar que o jovem pode mudar

a política, os que não acreditavam afirmaram que nosso país está corrompido e sem pessoas dignas para governar, sugerem desta forma mais dignidade e uma reforma política.

Ainda sobre a representatividade do governo, todos afirmaram não se sentirem representados pelo governo da época, uma das respostas diz que: “tem tanta gente passando fome nesse Brasil. Eu não entendo, tem gente que sai do Brasil para ajudar outras pessoas, quando tem gente passando necessidade aqui”, opinião refletida na música do Jaloo e da MC Tha (2015) que em seus versos canta *é fácil se emocionar/ com mundo internacional/ mas na esquina de casa/ mendigo mora em jornal*. Ao continuar com as análises, as sugestões dos entrevistados são voltadas à corrupção, afirmavam que a solução do país seria o fim da corrupção, pediam reforma política e prisão dos corruptos.

Dos entrevistados 88,5% não acreditavam em governo 100% limpo, porém desejavam melhores representantes ao país, cobravam humanismo e altruísmo, também investimentos em educação, segurança pública e saúde. Algumas respostas eram de desistência como a que afirma que “deveríamos voltar no tempo e devolver o Brasil aos índios”, outra dizia que “sugeriria que a corrupção fosse extinta do nosso país, redução da maioria penal, pena de morte...”. Uma outra opinião é que “com [um presidenciável] presidente as mudanças iriam acontecer, não me representa do jeito que está, parem de roubar.”

Por essas percepções é possível perceber que os estudantes trazem em seus lugares de fala, opiniões influenciadas pela classe dominante, do discurso de baixo embasamento e conhecimento sobre os direitos reivindicados pelos movimentos sociais, na espera de um futuro melhor e de pouco engajamento nas questões sociais e de sua própria juventude.

Nesse sentido, a educação e discussão a partir dos pontos de vistas devem ser fortalecidos para que a história única criada sobre os movimentos sociais seja desfeita e desmitificada e, sobretudo, que o protagonismo seja visto de uma forma positiva na luta por espaços mais inclusivos.

Entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (Ribeiro, 2017, p. 47).

Como afirma Adichie (2019, p.33) “quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”. Como os questionários mostraram, o protagonismo juvenil é percebido como

importante pelos estudantes inquiridos, mas apresentam visões enviesadas com a hegemonia social brasileira, o que pode demonstrar uma fragilidade no ensino das mudanças positivas que esses movimentos causaram e que podem causar dentro da sociedade, principalmente, com a atuação dos jovens e seu protagonismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados do questionário aponta que os alunos do 4º ano do curso Técnico em Segurança do Trabalho possuem um pouco de conhecimento sobre o tema protagonismo juvenil. É possível dizer que o protagonismo para esses alunos é percebido como questões distantes das suas realidades. Ainda, como exposto na aplicação do novo ensino médio no estado de São Paulo pela REPU, existem problemas diversos, como por exemplo, falta de professores, problemas estruturais nas escolas, e no que tange essa escolha dos itinerários formativos⁴.

Outro fator importante é que os entrevistados enxergam os movimentos e manifestações como necessárias, mas com algumas observações a fazer, como não aceitarem o vandalismo, quebra de monumentos e construções públicas como forma de manifestação. Há também preconceito aos grupos quando alguns entrevistados condenam de forma generalizada as ações de pessoas que depredam igrejas, andam nus pelas ruas e destroem patrimônios históricos como sendo o padrão de certos movimentos sociais.

Além disso, os alunos demonstraram desacreditar na política brasileira e elencaram a corrupção como o maior causador de problemas na nossa sociedade. Assim, o processo de protagonismo juvenil desses alunos precisa ser intensificado, de forma que, os alunos compreendam seu papel na sociedade, fazendo usos sociais e individuais da transformação e da politização, tornando-se sujeitos críticos e conscientes na sociedade atual.

Para futuras pesquisas, sugere-se, através de sequências didáticas com intervenções artísticas interdisciplinares e metodologias ativas, por exemplo, aprofundar a discussão com os alunos acerca das conquistas e a importância dos movimentos sociais ao longo da história e verificar a receptividade e percepção deles, haja vista que o artigo não esgota o tema, mas faz um pequeno recorte a partir de vivências de 26 estudantes sobre a temática e conclui que existe

⁴ SÃO PAULO. Rede escola pública e universidade. **Novo Ensino Médio e indução de desigualdades escolares na rede estadual de São Paulo** [Nota Técnica]. São Paulo: REPU, 02 jun. 2022. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas. Acesso em: 07 jul. 2022.

ruídos no que são movimentos sociais e seu papel dentro da sociedade e com isso percebe-se que é necessário pesquisas mais amplas e mais aprofundadas nesse tema.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo/SP: Companhia das Letras. 2019.

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. A defesa das cotas como estratégia política do movimento negro contemporâneo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 37, p. 143-166, 2006.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Editora Presença. 1970.

ALVES, P. C.; RABELO, M. C.; SOUZA, I. M. Hermenêutica-fenomenológica e compreensão nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, 2014.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 07 jul. 2022.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

COSTA, A. C. G. **A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa**. 2ª ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

COSTA, A. M. M.; ALBUQUERQUE, A. J. Q. O protagonismo dos movimentos sociais na conquista da educação como direito social no Brasil. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 17, n. 2, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/13722/pdf> Acesso em: 21 fev. 2021.

COSTA, A. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 332 p, 2000.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ENCREVÉ, P.; LANGRAVE, R. (Org.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FERRETI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; TARTUCE, G. L. B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e o terceiro setor. **Revista Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9194/7788>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GOHN, M. G. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. **SER social**, v.15, n. 33, p. 261-384, 2013.

JALOO; MC THA. **A cidade**. São Paulo: Skol Music. 2015 (4:35 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kTpIGfGJoFY&ab_channel=Jaloo Acesso em: 21 fev. 2021.

MAIA, R. C. M.; MENDONÇA, R. F. Atores coletivos e participação: o uso da razão pública em diferentes âmbitos interacionais. In: MAIA, R. C. M.; MENDONÇA, R. F. (Coord.) **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

MELUCCI, A. Juventude, tempos e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação - ANPED**, n. 5 e 6, p. 05-14, 1997.

MESQUITA, M. R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, 2003.

MONTAÑO, C. & DURIGUETTO, M. L. Estado, classe e movimento social. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, A. D. de. **Viagem-formação: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas de professores (as) no Ensino Médio de escolas rurais**. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. Salvador, 2019.

OLIVEIRA-MARTINS, G. **Europa – Unidade e diversidade, educação e cidadania**. Colóquio: Educação e Sociedade, v.1, p.41-60, 1992.

PEREIRA, A. B. Le Monde Diplomatique Brasil. Dilemas da Educação e do Trabalho em Tempos de Incerteza e Curto. **Jovens, qual será o futuro?** 99 Ed. 2015.

RABÊLLO, M. E. D. L. **O que é protagonismo juvenil?** Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan – CEDECA-BA. 2015. 4p. Disponível: <http://cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/39DA691A-FD4E-D119-3DAE60914B0999AE.pdf> Acesso em: 22 abr. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando. 2017.

TOMIO, N. A. O.; FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.12, n.1, p. 89-99. 2009.

VASCONCELOS-SILVA, P.; ARAÚJO-JORGE, T. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v.2. 2019.

ZIBAS, D. M. L.; FERRETI, C. J.; TARTUCE, G. L. B. P. Micropolítica escolar e estratégias Para o desenvolvimento do Protagonismo juvenil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 51-85, 2006.